

Quarenta minutos depois, estava no ar

“Eu ia dizer uma coisa”, disse ele.

“Então diz”, respondeu ela.

Ele ficou calado, com os olhos postos na estrada. Na escuridão dos arredores da cidade, não havia nada para ver exceto os faróis traseiros de outros carros ao longe, a sucessão interminável de alcatrão, os candeeiros gigantescos da autoestrada.

“Deus pode ficar desiludido comigo só por eu pensar nisso”, disse ele.

“Bem”, suspirou ela, “Ele já sabe, por isso mais vale contares-me.”

Ele olhou-a de relance, para avaliar o estado de espírito com que ela dissera aquilo, mas a parte superior da cabeça dela, incluindo os seus olhos, estava encoberta por uma sombra lançada pelo rebordo do para-brisas. A parte inferior do seu rosto brilhava ao luar. Ver a maçã do rosto, os lábios e o queixo dela — que lhe eram tão intimamente familiares — fê-lo sentir um profundo desgosto só de pensar em perdê-la.

“O mundo fica mais bonito com luz artificial”, disse ele.

Avançaram em silêncio. Nenhum deles conseguia suportar o ruído da rádio, nem a intrusão de música gravada. Tratava-se de uma das muitas coisas em que eram compatíveis.

“Era isso?”, perguntou ela.

“Sim”, disse ele. “O que eu quero dizer é... A Natureza intocada devia representar a perfeição máxima, não é, e tudo o que é feito pelo homem devia ser uma vergonha, apenas a estorvá-la. Mas não poderíamos apreciar tanto o mundo, se nós — homens... quer dizer, seres humanos...”

(Ela fez um dos seus grunhidos *despacha-te-lá-com-isso*.)

“... se nós não tivéssemos espalhado luz elétrica por todo o lado. No fundo, a luz elétrica é bastante atrativa. Torna suportável conduzir as-

sim à noite. Até belo. Quero dizer, imagina se tivéssemos de fazer este percurso numa escuridão total. Porque esse é o estado natural do mundo, à noite, não é? Escuridão total. Imagina. Teríamos a angústia de não fazermos a mínima ideia do caminho, de não conseguirmos ver mais do que alguns metros à nossa frente. E se nos dirigíssemos para uma cidade — bem, num mundo não-tecnológico não *haveria* cidades, calculo —, mas se nos dirigíssemos para um sítio em que habitassem outras pessoas, vivendo de modo natural, talvez com algumas fogueiras... Só as iríamos ver quando chegássemos mesmo junto delas. Não haveria aquela vista mágica quando se está a poucos quilómetros de uma cidade, e todas as luzes cintilam, como estrelas pousadas sobre uma encosta.”

“Hum-hum.”

“E mesmo dentro deste carro, partindo do princípio de que podíamos *ter* um carro, ou qualquer género de veículo, nesse mundo natural, puxado por cavalos, calculo... estaria completamente escuro. E muito frio, também, numa noite de inverno. Mas, em vez disso, olha o que temos aqui.” Tirou uma mão do volante (ele guiava sempre com ambas as mãos pousadas simetricamente no volante) e apontou para o *tablier*. As luzinhas habituais brilhavam à sua frente. Temperatura. Relógio. Nível de água. Óleo. Velocidade. Combustível.

“Peter...”

“Oh, olha!” Vários metros à sua frente, uma figura minúscula e sobrecarregada estava parada na mancha de luz de um candeeiro. “Alguém a pedir boleia. Vou parar, não achas?”

“Não, não pares.”

O tom da voz dela fê-lo pensar duas vezes antes de a contrariar, embora raramente perdessem uma oportunidade de ajudar estranhos.

O homem que pedia boleia levantou esperançosamente a cabeça. À medida que os faróis dianteiros o envolviam, o seu corpo transformou-se — apenas por um instante — de uma forma vagamente humanoide num indivíduo reconhecível. Segurava um letreiro que dizia HETHROW.

“Que estranho”, disse Peter, enquanto o deixavam para trás. “Bastava apanhar o metro.”

“Último dia no Reino Unido”, disse Beatrice. “Última oportunidade para se divertir. Provavelmente gastou o dinheiro inglês todo num bar, achando que ainda tinha o suficiente para apanhar um táxi. Seis bebidas depois está cá fora, a apanhar ar para ficar sóbrio, e só lhe restam o bilhete de avião e £1,70.

Parecia plausível. Mas, se era o caso, então por que razão deixar aquela pobre ovelha em apuros? Nem parecia de Bea deixar alguém desamparado.

Voltou-se novamente para o rosto dela na sombra, e ficou alarmado ao ver lágrimas a brilharem-lhe no queixo e nas comissuras da boca.

“Peter...”, disse ela.

Ele tirou novamente uma das mãos do volante, desta vez para lhe apertar o ombro. Suspenso sobre a autoestrada, mais à frente, havia um sinal com o símbolo de um avião.

“Peter, é a nossa última oportunidade.”

“Última oportunidade?”

“De fazer amor.”

As luzes do carro piscaram suavemente e fizeram tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque, enquanto ele abrandava na saída para o aeroporto. As palavras “fazer amor” embatiam-lhe contra o cérebro, tentando entrar, embora não houvesse espaço lá dentro. Esteve quase a dizer: “Estás a brincar.” Mas, embora ela tivesse um apurado sentido de humor e adorasse rir, nunca brincava acerca de coisas importantes.

Enquanto avançava, a sensação de não estarem em sintonia — de precisarem de coisas diferentes naquele momento crucial — penetrou no carro como uma presença desconcertante. Ele tinha pensado — tinha sentido — que a manhã de ontem fora a sua verdadeira despedida, e que esta viagem até ao aeroporto era apenas... um *post scriptum*, quase. A manhã de ontem correria tão *bem*. Tinham finalmente conseguido chegar ao final da sua lista de “Coisas a Fazer”. A mala dele já estava feita. Bea estava de folga, tinham dormido como pedras e acordado com um sol brilhante a aquecer o edredão amarelo da sua cama. *Joshua*, o gato, estivera deitado aos pés deles numa posição cómica; tinham-no enxotado para fazer amor, sem falarem, devagar e com grande ternura. Depois, *Joshua* voltara a saltar para cima da cama e hesitantemente pousara uma das patas sobre a pele de Peter, como se quisesse dizer: *Tu não vais; vou prender-te aqui*. Fora um momento lancinante, resumindo melhor a situação do que a linguagem alguma vez seria capaz, ou talvez a ternura exótica do gato tenha apenas lançado uma protetora camada peluda sobre a nua dor humana, tornando-a suportável. Não importa. Tinha sido perfeito. Ficaram ali a ouvir o ronronar gutural de *Joshua*, abraçados um ao outro, o seu suor evaporando ao sol, as suas pulsações a regressarem gradualmente ao normal.

“Mais uma vez”, dizia-lhe ela agora, sobrepondo-se ao ruído do motor numa autoestrada escura a caminho do avião que o ia levar para a América e mais além.

Ele consultou o relógio digital no *tablier*. Devia estar no balcão do *check-in* dali a duas horas; estavam a quinze minutos do aeroporto.

“És maravilhosa”, disse ele. Se pronunciasse as palavras exatamente da maneira certa, talvez ela percebesse a mensagem de que não deviam tentar superar a véspera, de que deviam deixar as coisas como estavam.

“Não quero ser maravilhosa”, respondeu ela. “Quero-te dentro de mim.”

Ele conduziu durante alguns instantes em silêncio, adaptando-se rapidamente às circunstâncias. Outra coisa que tinham em comum era uma capacidade de adaptação rápida a circunstâncias diferentes.

“Há muitas dessas cadeias de hotéis horríveis mesmo ao lado do aeroporto”, disse ele. “Podíamos alugar um quarto só por uma hora.” Lamentou a parte do “horríveis”; parecia que estava a tentar convencê-la a desistir, enquanto fingia não o fazer. Só queria dizer que os hotéis eram do género que ambos evitavam sempre que possível.

“Basta encontrares uma área de repouso tranquila”, disse ela. “Podemos fazê-lo no carro.”

“Crise!”, disse ele, e ambos riram. “Crise” era a palavra que ele se tinha habituado a dizer em vez de “Cristo”, assim que se tornara cristão. As duas palavras eram suficientemente parecidas em termos de sonoridade para ele conseguir evitar uma blasfémia mesmo quando já estava a sair-lhe da boca.

“Estou a falar a sério”, disse ela. “Qualquer sítio serve. Basta não parares num sítio onde outro carro nos possa bater.”

A autoestrada parecia agora diferente a Peter, à medida que avançavam. Teoricamente, era a mesma superfície de alcatrão, ladeada pela mesma parafernália de trânsito e frágeis vedações metálicas, mas fora transformada pelo próprio plano de ambos. Deixara de ser uma linha direta para um aeroporto, era um interior misterioso de sombrios meandros e esconderijos. Prova, uma vez mais, de que a realidade não era objetiva, mas permanentemente remodelável e redefinível pela atitude de cada um.

Claro que todas as pessoas na Terra tinham o poder de remodelar a realidade. Era uma das coisas sobre as quais Peter e Beatrice mais falavam. O desafio de levar as pessoas a perceberem que a vida só era tão soturna e limitadora quanto a faziam. O desafio de levar as pessoas a verem que os factos imutáveis da vida não eram assim tão imutáveis. O desafio de encontrar uma palavra mais simples do que “imutável” para “imutável”.

“Que tal aqui?”

Beatrice não respondeu, limitou-se a pousar-lhe a mão na coxa. Ele desviou suavemente o carro numa escapatória. Teriam de acreditar que serem esmagados por um caminhão de 44 toneladas não estava nos planos de Deus.

“Nunca fiz isto antes”, disse ele, depois de desligar o motor do carro.

“E achas que eu fiz?”, perguntou ela. “Havemos de conseguir. Vamos passar para o banco de trás.”

Saíram pelas respetivas portas e voltaram a juntar-se poucos segundos depois no banco de trás. Sentaram-se como passageiros, lado a lado. Os estofos cheiravam a outras pessoas — amigos, vizinhos, membros da sua igreja, desconhecidos a quem tinham dado boleia. Isso levou Peter a questionar ainda mais se podia ou devia fazer amor aqui, agora... Embora... também houvesse algo de excitante naquilo. Viraram-se um para o outro, tentando um abraço suave, mas as suas mãos eram demasiado desajeitadas às escuras.

“Quanto tempo é que a luz interior levava a gastar a bateria do carro?”, perguntou ela.

“Não faço ideia”, disse ele. “É melhor não arriscarmos. Além disso, íamos transformar-nos numa atração para todo o trânsito de passagem.”

“Duvido”, disse ela, virando a cabeça para as luzes dos carros que passavam apressadamente. “Uma vez li um artigo sobre uma menina que tinha sido raptada. Conseguiu saltar do carro quando este abrandou na autoestrada. O raptor apanhou-a, ela ainda lutou bastante, gritou por ajuda. Passaram vários carros. Nenhum parou. Mais tarde entrevistaram um desses condutores. Ele disse: “Ia tão depressa que não acreditei no que estava a ver.”

Ele mexeu-se desconfortavelmente. “Que história terrível. E talvez não seja a melhor altura para a contar.”

“Eu sei, eu sei, desculpa. Estou um pouco... abatida neste momento.” Riu nervosamente. “É que é tão difícil... perder-te.”

“Não me vais perder. Vou estar fora algum tempo, só isso. Estarei...”

“Peter, por favor. Agora não. Já passámos por isso. Já fizemos o que podíamos em relação a essa parte.”

Ela inclinou-se para a frente, e ele achou que ela ia começar a soluçar. Mas estava à procura de algo no intervalo entre os dois bancos da frente. Uma pequena lanterna a pilhas. Acendeu-a e equilibrou-a no encosto de cabeça do banco do passageiro; mas a lanterna caiu. Depois encaixou-a no intervalo apertado entre o banco e a porta, e inclinou-a para que a luz incidisse no chão.